

RABISCOS DE SENSações EM UM *DEVIR-CRIANÇA*

IZABELA CASSIMIRO RIZZI LIPPI¹; SAMUEL MOLINA SCHNORR² CARLA
GONÇALVES RODRIGUES³;

¹ UFPel – izabelalippi@hotmail.com

² UFPel – schnorr_m@yahoo.com.br

³ UFPel – cgrm@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado neste resumo objetiva analisar a ativação do *devir-criança* (DELEUZE; GUATTARI, 1997) no Ateliê de Escrileituras (CORAZZA, 2011) "Rabiscos de sensações na produção de um corpo criançairo". Nele se investigam os contextos de criação e os dispositivos filo-artísticos utilizados durante o Ateliê, visando à forma como estes despertaram os processos de subjetivação e desterritorialização encontrados nas escrileituras que - contidas na obra final do Ateliê - constituíram um livro de registro de sensações elaborado pelos participantes.

Tendo como público-alvo pessoas interessadas em fomentar a sua prática professoral, o presente Ateliê foi realizado na Universidade Federal de Pelotas em fevereiro de 2013. Integra as atividades do Projeto de pesquisa "Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida", Núcleo UFPel, vinculado ao Programa Observatório da Educação, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹.

O Projeto Escrileituras tem como foco de pesquisa a alfabetização e o desenvolvimento do potencial humano criativo na Educação Básica e na Educação de Jovens e Adultos, desenvolvendo estudos aplicados em Ateliês de Escrileituras, fundamentado pelas Filosofias das Diferenças, Ciências Educacionais e Artes Contemporâneas. Problematiza o exercício pedagógico-educacional, propondo a experimentação como condição de aprendizagem, buscando a ativação de *devires-outros* para fazer ler e escrever em meio à vida.

Por ser o *devir* um modo da temporalidade considerado minoritário, abrange em si as linhas de fuga que se buscam no processo de escrever. Tendo em si a potência inumerável da experiência e do acontecimento, não segue uma forma de ser-fazer instituída, mas revoluciona, estando em constante processo. Assim, Deleuze (1997) considera que a infância e a criança não são propriamente uma etapa do desenvolvimento humano e a representação humana desse, respectivamente, mas sim um estado subjetivo - o *devir-criança* -, uma infância não própria, mas de mundo, que se torna possível nos espaços não fixos, no nomadismo e nas desterritorializações, em qualquer instante da vida quando esta se faz potente.

Neste âmbito, foi desenvolvido o Ateliê "Rabiscos de sensações na produção de um corpo criançairo", tendo como objetivo proporcionar aos participantes vivências infantis mediadas por atividades, brinquedos e referenciais próprios da época, levando-os não a retroceder à própria infância cronológica, mas sim, a encontrar-se com uma certa intensidade, despertada pelo movimento de sair do território habitual e permitir-se habitar o desconhecido. Intensidade essa, potencializadora da escrita. Neste ensaio, visamos analisar os contextos de

¹ Sob coordenação geral da Prof.^a Dr.^a Sandra Mara Corazza – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), possui, além da UFPel, Núcleos na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

produção oferecidos durante o Ateliê, referente à ativação do *devir-criança* e verificar de que maneira eles dialogam no processo de criação das esrileituras produzidas.

2. METODOLOGIA

Tendo sua base teórica nietzschiana, foucaultiana e deleuziana, por meio da crítica genética proposta por Willermat (2009), bem como no uso da metodologia cartográfica, o presente trabalho propõe acompanhar o percurso do processo de criação. Para tanto, nos atemos ao ambiente da produção das esrileituras, listando as atividades e os recursos audiovisuais apresentados no Ateliê, divididos em três circuitos.

A saber: Circuito 1 – Na parede foram projetados slides de imagens que remetem ao estado crianceiro e ao contexto da natureza, sobrepostas por outras figuras, manipuláveis pelos participantes; experimentação de atividades infantis em conjunto (Batatinha 1 2 3, escravos de jó, estátua), projeção de poemas do livro *As coisas* de Arnaldo Antunes; reprodução das músicas *Pas Si Simple* e *La Noyee* de Yann Tiersen. Circuito 2 – Apresentação do vídeo *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*² com textos do poeta Manoel de Barros; projeção e leitura das páginas do *Discurso do urso* de Júlio Cortázar, disponibilização de brinquedos (elástico, corda, bambolê, túnel, bolas de gude, jogo da velha, instrumentos musicais, bonecas). Circuito 3 – projeção fragmentos de vídeo *Abecedário de Gilles Deleuze – E de infante*³; projeção de vídeo *Pensamento infantil - a noção de tempo*⁴ produzido pela revista Nova Escola.

É importante relatar que ao fim de cada circuito os participantes foram convidados a uma pausa para registro, em que mediam sua escrita por meio das sensações vivenciadas. Nestas pausas foram distribuídas folhas em tamanho A3 e materiais artísticos (canetas hidrocor, tintas, pincéis, lápis de cor). Em seu movimento de análise, este ensaio verifica nos registros dos participantes, configurados em formato de livro, quais os palimpsestos em que os recursos utilizados no Ateliê se encontram. Observando nas esrileituras como dialogam tais discursos, diante ativação do *devir-criança*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A criança aventura-se com aprendizagens e se permite descobrir por meio de experimentações, explorando novos ambientes, aceitando nomadismos, se transpondo para diferentes universos, afectando e se deixando afectar. Segundo Corazza (2003, p. 97), “transformar-se em criança é extrair partículas infantis dos acontecimentos em que entram, daquilo que estão em vias de se tornar e através das quais se tornam impessoais”.

A infância é um *devir* múltiplo. Encontrá-la como intensidade, diante de um público de professores em formação, se faz importante como força de resistência ao formato professoral estratificado, que codifica a educação e os modos de pensar a criança. Trata-se, portanto, de transvalorar a prática educacional para encontrar, por meio do *devir*, infâncias que nos eduquem no exercício de escrever.

O contexto de criação oferecido no Ateliê remeteu os docentes em formação a um estado outro de temporalidade, que não cronológico. Tal estado se compôs, neste caso, por intermédio das atividades infantis, brinquedos, e

² Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=a-HDwM3jebY>> Acesso em 21 set. 2013.

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZmeaSUTLcUk>> Acesso em 21 set. 2013.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nW04XyqpUSA>> Acesso em 21 set. 2013

dispositivos filo-artísticos disponibilizados. Por meio das escreleituras produzidas é percebido que tal imersão foi gradativa, à medida que se permitiram abandonar seu lugar instituído e experimentar o universo infantil nos circuitos.

Analisando a obra final do Ateliê, foram verificados que as escreleituras de um modo geral, contêm várias citações e fragmentos dos dispositivos filo-artísticos apresentados. Os autores Arnaldo Antunes e Manoel de Barros estão entre os mais referenciados. Alguns participantes utilizaram fragmentos soltos no papel, mas em sua maioria, houve um diálogo entre os textos citação e textos autorais, numa espécie de composição bricolada, alternando os tipos de textos.

As escreleituras possuem, predominantemente, ilustrações do universo infantil, que dialogam com a parte visual dos vídeos apresentados, e comprovam a vivência do estado criancero, produzindo escreleituras *verbovisuais*. As ilustrações não somente compõem a página como produzem interferências na mancha gráfica usual do texto.

Entre os discursos apresentados, grande foi o exercício de pensamento sobre o tempo, a vida adulta, bem como saudosismos da infância, o que pode ser visto como influência da temática dos vídeos, em especial, Pensamento infantil - a noção de tempo, que bastante se apresenta nos discursos escreleiturados. Tais discursos também nos permitem comprovar uma desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1997) na qual os participantes abandonaram seu lugar de adultos cronológicos e estando fora desse território, problematizaram suas práticas automatizadas sob outro viés, utilizando as intensidades crianceiras como linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1997), elaborando em suas escreleituras novos arranjos de ser-fazer.

4. CONCLUSÕES

Os Ateliês de Escreleituras funcionam como laboratórios, fábricas de criação do pensamento e da escreleitura. Como afirma Baudelaire (apud CORAZZA, 2011, p. 47) “um poema não nasce nunca, se fabrica”. Logo, procura-se por meio de experimentações, desenvolver um ambiente propício as subjetivações da própria vida, valorizando as multiplicidades e extraindo das coisas, dos corpos e estados dos seres a matéria principal de suas criações (CORAZZA, 2011).

Os processos de escreleituras são ativados nos momentos que os participantes realizam rupturas das formas de saber já instituídas e arriscam-se aos *devires-outros*, minoritários, transvalorando o que lhe foi transferido, e incorporando as multiplicidades de seu “leitor-escritor-texto”. Logo, apontamos que os registros palimpsestícos dos dispositivos apresentados no Ateliê de Escreleituras foram os pontos desencadeadores da prática da escreleitura para seus participantes, pois a partir dele realizaram suas transcrições, experimentando e dialogando com sentidos outros, estando aí a gênese de sua criação.

Ressaltamos a importância da escolha dos dispositivos filo-artísticos e das atividades infantis como ativadores do *dever-criança*. Neste caso, apresentavam não só grande riqueza artística como despertavam a leitura nos cinco sentidos, possibilitando a configuração de um ambiente criancero pelos sons, imagens, textos, e movimentos corporais. Tal ambiente, remeteu os participantes, em sua maioria professores em formação, a se deslocarem de seu modelo convencional, experimentando um espaço de encontro criador e transformador da inércia

escolar, transitando em linhas de fuga, em que podem experimentar a potência do real-imaginário vivenciada por seus alunos dentro do universo infantil.

Em um meio que se busca romper com o exercício do pensamento mecanizado e propor fissuras nas formas de pensar previamente instituídas, devemos experimentar novas formas de ser-fazer, e apresentar um contexto de criação que possibilite uma interação, não estática, mas sensorial com o texto. Tal movimento provoca os participantes a também se desvincularem dos modelos representacionais em suas escrituras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORAZZA, Sandra. **Infancionática**. In: TADEU, Tomaz, CORAZZA, Sandra. Composições. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

CORAZZA, S. M. **Projeto pesquisa Observatório de Educação 2010**. Disponível em: <<http://difobservatorio2010.blogspot.com>> Acesso em 18 jun. 2013.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **L' Abécédaire de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze**. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997a.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs. Capitalismo e equizofrenia**. v. IV. São Paulo: Editora 34, 1997b.

WILLERMAT, Philippe. **Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2009.